UFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS
III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍCAS PÚBLICAS
QUESTÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI

EMPREENDEDORISMO SOCIAL, GËNERO E TERRITORIALIZAÇÃO:
uma proposta metodológica para mapeamento de oportunidades na geração de trabalho e renda para mulheres em risco social

Edson Marques Oliveira[1]
Madalena Lopes Vieira Schmidt[2]

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma proposta metodológica de elaboração de ações de geração de trabalho, renda e inclusão social para mulheres em risco social. Tem como referencia o empreendedorismo social como sendo um novo paradigma no estudo e na elaboração de políticas publicas emancipatorias e de emponderamento dos sujeitos envolvidos no processo. Com isso se propõe a estratégia de mapeamento de oportunidades de negócios sociais como forma de valorização do território e poder local. A experiência se mostrou eficiente na medida em que possibilitou a tomada de decisão e participação das mulheres, melhor preparo e menor risco de fracasso.

Palavras-Chave : empreendedorismo social, mapeamento de orportunidades, gênero e política pública.

ABSTRACT

The present work presents a proposal methodological of elaboration of action of work generation, income and at risk social and inclusion for women. It has as reference the social entrepreneurship as being a new paradigm in the study and in the elaboration of politics you publish emancipator as and of empowerment of the involved citizens in the process. With this if it considers the strategy of mapping of social business-oriented chances as form of valuation of the territory and local power. The experience if showed efficient in the measure where it made possible the taking of decision and participation of the women, better preparation and minor risk of failure.

Keywords: social entrepreneurship, mapping of opportunity, sort and public politics.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho retrata a experiência prática formulada a partir do estudo no doutorado em Serviço Social iniciado em 2000 sobre empreendedorismo social (Cf. OLIVEIRA, 2004). Através desta investigação, onde foi possível mapear exemplos recentes de organizações que vem exercendo influência nesta área, fui possível explicitar elementos teóricos e metodológicos do empreendedorismo social. Entre eles, destacam-se a diferença entre os projetos sociais convencionais, e os desenvolvidos pelo empreendedorismo social que se caracterizam da seguinte forma: **1º)** é uma idéia inovadora, apresenta algo que ainda

[1] Doutor em Serviço Social.Curso de Serviço Social .Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE Campus de Toledo.
[2] Especialista Análise Regional.Diretoria de Responsabilidade Social Empresarial.Associação Comercial e Empresarial de Toledo - ACIT

ninguém havia realizado; **2º)** é uma idéia que é realizada; **3º)** se torna auto-sustentável; **4º)** envolve várias pessoas e segmentos da sociedade (principalmente a população atendida); **5º)** provoca impacto social, local e global, e que podem ser avaliados os seus resultados e retorno do investimento aplicado; **6º)** é possível ser multiplicada e aplicada em outras regiões e até em outros países (replicabilidade); **7º)** se transforma em política pública, exemplo do micro crédito que já existe em vários Estados e até como política federal. Tal constatação permite identificar o empreendedorismo social como uma ação organizada com vista a geração de projetos sociais empreendedores e emancipatórios, pode ser considerando como: Primeiramente o empreendedorismo social, pode ser considerado como uma derivação do empreendedorismo empresarial, mas com diferenças significativas, entre elas, a busca por resultados não individuais mas coletivos, "um empreendedor de sonhos coletivos", e pela busca de retorno social e não só financeiro, tal perspectiva conduz a uma leitura de **um novo paradigma**. Segundo, caracterizado por uma ação inovadora voltada para o campo social, é neste sentido **um processo**. Por processo estamos entendendo a sucessão ordenada e inter-relacionada de ações que intencionalmente visão uma finalidade, utilizando para tanto meios e princípios técnicos e científicos para execução desta ação. No caso do empreendedorismo social o processo se inicia com a observação de uma determinada situação-problema local, em seguida procura-se elaborar uma alternativa para enfrentar está situação. Esta idéia tem que apresentar algumas características fundamentais, os setes pontos sinalizadas anteriormente. Terceiro, as características e especificidades do empreendimentos sociais e dos empreendedores sociais, fazem com que o mesmo seja considerado uma **arte é uma ciência**. Ciência pois no desenvolvimento de seu processo utiliza elementos técnicos e científicos que podem ser aprendidos e aplicados por que estuda e se empenha em dominar tal conhecimento. É uma arte, pois além do fator técnico o mesmo terá formas e resultados diversos a depender do fator e talento humano, em outras palavras, o toque humano, único que cada pessoa tem, faz diferença na ação sistematizada. Quarto, estes elementos e a perspectiva de integração e inovação social, fazem com que o empreendedorismo social também seja considerado como um **indutor de auto-organização social,** ou seja, são ações que se iniciam no local e numa situação localizada, no entanto o seu desenvolvimento processual conduz necessariamente a geração de capital social, empoderamento dos envolvidos e conseqüentemente a emancipação social, tais ações e efeitos, são possíveis a partir do entendimento de um processo de *autopoiese*, no dizer de Maturana (1999) onde um dos principais fatores é a capacidade de conservação da espécie humano e preservação do meio ambiente, o que só pode ocorrer quanto se tiver amor entre os seres vivos dentro de um sistema social, ou seja,

> a mudança social é uma mudança na configuração de ações coordenadas que define e a identidade particular de um sistema social particular. E isso porque a mudança social só acontece quando o comportamento dos sistemas vivos individuais que compõem o sistema social se transformam de maneira a dar origem a uma nova configuração de ações coordenadas que define uma nova identidade para o sistema social." (idem, p. 190)

A partir deste entendimento, elaboramos uma estratégia para colocar em prática estes conhecimentos, o que ocorreu em maio de 2004, através de um projeto de extensão denominado de Projeto Casulo Sócio-Tecnológico. Através deste projeto procuramos sintetizar o processo de empreendedorismo social num modelo sistêmico inspirado na metáfora da metamorfose da lagarta que se transforma em borboleta. Conforme figura 01. O mesmo teria as seguintes características: fase 1) Lagarta, representando a idéia, fase 2) o casulo, representando a idéia em movimento, consolidação, institucionalização, maturidade, e a fase 3) a borboleta, representando a multiplicação e impacto da idéia transformada em ação interventiva de impacto e com possibilidade de replicabilidade. Foram projetadas dez ações: : 1) Célula de Gestão do Projeto e Formação de equipe estratégica de trabalho; 2) Pesquisa Mapa da Cidadania e do Capital Social de Toledo; 3) Célula Casulo Sócio-Comunitário; 4) Célula Ouvidoria Social; 5) Célula Incubadora de Gestão Sócio-tencológica Empreendedora; 6) Célula Prêmio e Selo de Gestão Social Empreendedora de Toledo; 7) Célula Responsabilidade Social, Cidadania Empresarial e Investimento Social; 8) Célula de Gestão do Voluntariado; 9) Célula de Gestão da Comunicação e informação; 10) Célula de Gestão do Conhecimento. Entre estas ações na célula 5, incubadora de gestão e tecnologia social, iniciamos um projeto piloto denominado Mulheres Empreendedoras Sociais em Ação - MESA. Inicialmente através do levantamento previu de uma das estagiarias do Projeto Casulo Sócio-tecnológico, em uma Escola Estadual do bairro Coopagro no Município de Toledo-PR, onde se percebeu um número significativo de mães que sustentam suas famílias, ou seja, que fazem parte de famílias compreendidas pela literatura corrente como sendo monoparentais. Com o apoio da direção da escola e da equipe do Projeto Casulo Sócio-tecnológico, elaborou-se um projeto específico para se trabalhar com essas mulheres objetivando gerar ações de consolidação de renda e trabalho de modo a aplicar os conhecimentos, princípios e estratégias do empreendedorismo social. O projeto tendo como principal objetivo, transmitir conhecimentos e ao mesmo tempo exercer ações geradoras de empreendimentos sociais e uma rede de consumo solidário, através da potencialização de um grupo de mulheres e dos recursos existentes no próprio bairro. Para tanto estabelecemos a seguinte metodologia. Fase – 1: Reconhecimento e estruturação do local de trabalho ; Fase – 2: Preparo e adequação da infra-estrutura e reconhecimento do perfil da população a ser trabalhada; Fase – 3: Divulgação, seleção e cadastramento das participantes do projeto; Fase – 4: Início da capacitação Oficina de Empreendedorismo

social, com a seguinte programação básica: Modulo I – Sensibilização e apresentação da Proposta de trabalho: A questão de gênero e os desafios da mulher no trabalho, na sociedade e na gestão da vida familiar; A proposta do empreendedorismo social e do Projeto Casulo;O projeto Mulheres empreendedoras sociais em ação; **Modulo II - Territorialização e visualização de oportunidades de negócios: Planejamento de Pesquisa de campo no bairro, equipe e participantes do curso;** Noções da criação de novos empreendimentos, Empreendimentos sociais e solidários; A técnica de territorialização e visualização de oportunidades; Elaboração mapa inteligente de oportunidades de negócios. Modulo III – Elaboração do Plano de Negócio Social e criação de redes de consumo solidário. Modulo IV – Criação de unidades de negócio e rede de consumo solidário no bairro Coopagro. Modulo V – Avaliação de impacto e implementação das ações e unidades de negócio social. Como se pode perceber, a idéia foi caminhar junto com o grupo de mulheres e permitir que num curto espaço de tempo o mesmo possa caminhar sozinho, para tanto, foi necessário buscar o maior número possível de dados e informações sobre o bairro. O presente trabalho dá ênfase aos resultados como um todo, mas em específico quanto ao proposto e desenvolvido no modulo II, pois no processo, percebemos a complexidade de tal projeto e a necessidade de inovação nesta parte, em que procuramos envolver as lideranças do bairro, as mulheres do curso, e representações da sociedade, servindo de modelo para que seja aplicado em outros bairros da cidade e posteriormente como uma metodologia de pesquisa para outras ações onde seja necessário o conhecimento aprofundado, de um determinado território como espaço vivencial que deve ser potencializado como espaço de luta e busca de soluções efetivas e coletivas. Na seqüência, apresentamos os principais desdobramentos deste trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO E DESDOBRAMENTOS DO EXPERIMENTO DE MAPEAMENTO E TERRITORIALIZA\CÃO DE OPORTUNIDADES

Antes de apresentar o desenvolvimento e seus resultados, é necessário apresentar os elementos teóricos e filosóficos que permearam todo o processo, desta forma articulando o pensar e agir num processo dinâmico e construtivo. Primeira verificamos que as recentes transformações produtivas e tecnológicas, ocorrem em paralelo a inúmeras mudanças relacionadas ao campo da família, do mercado e das relações de gênero. Em específico, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, mas também o agravamento das novas composições familiares, em específico quando a mulher está com os filhos e sem o marido, o que se tem denominado de famílias mono parentais. Este fenômeno, segundo KLIKSBERG (2001, p. 58), é também chamado de “feminilização da pobreza”, pois a maior parte dos paises da América Latina, apresentam índices de 20% de

famílias chefiadas por mulheres, o que acentuam uma série de fatores de vulnerabilidades sociais, tanto de geração de renda e sustento como do desenvolvimento afetivo, emocional e parental. Dados divulgados pela Fundação Carlos Chagas, destacam que após a década de 1970 e até os tempos atuais, este crescimento vem apresentando espantoso progresso, em 1970 apenas 18% das mulheres brasileiras trabalhavam, em 2002 temos metade delas em atividade. Destaca para a relação das mulheres e a maternidade, em 2002, a taxa de atividade das mulheres com filhos com idade de até 2 anos foi de 51,9%, e entre as que tem filhos maiores de 7 anos é ainda maior, 69,1%. Outra constatação é que a permanência das mulheres no mercado de trabalho tem se prolongado, em 1970 apenas 19% com idade entre 40 a 49 anos, e 15% entre 50 a 59 anos, estavam ativas. Em 2002, as taxas de atividades nas mesmas faixas etárias eram, respectivamente, 66,7% e 50%. Estes dados são acompanhados da constatação de agravamentos, entre eles a disparidade de salários, entre homens e mulheres, e de cor e escolaridade. Mas chama maior atenção a constatação do crescimento de mulheres como chefes de famílias. Em 1980 as famílias chefiadas por mulheres representavam 43,3%, e os homens 88,2%. Já em 2002, as mulheres representam 56,5% e os homens 85,8%, ou seja, houve um crescimento da ordem de 29,3% entre as mulheres e uma diminuição de 2,4% entre os homens. Nota-se que outro ponto a ser considerado é o crescente número de ações em busca de geração de trabalho e renda para grupos vulneráveis, o qual as famílias monoparentais, não fogem a regra. No trabalho de SOUZA SANTOS (2002) encontramos várias reflexões e estudos de casos das chamadas alternativas não capitalistas, ou do chamado “socialismo de mercado”, ou seja, formas alternativas de produção com inclusão social, sem ignorar a dinâmica de mercado do sistema capitalista globalizado. Os desafios são grandes e complexos, como mostra MOSER (2001) ao estudar empreendimentos de economia solidária no oeste Catarinense, percebe que um dos fatores de maior problemática quanto ao “fracasso” dos empreendimentos, a falta de conhecimentos e habilidades de gestão, tanto de planejamento, financeiro como mercadológico. Ambos os exemplos, nos apontam a necessidade de uma melhor adequação das estratégias de geração de trabalho e renda, principalmente de populações de baixa escolaridade, onde não basta trabalhar conceitos socialistas numa cultura individualista ou esperar que resultados a longo prazo não desanimem as pessoas. É preciso conciliar o trabalho coletivo, mas sem massacrar a individualidade e anseio de cada pessoa e grupo, ou seja, não a ditadura do coletivismo, bem como, conciliar as expectativas individuais sem cair no “cada um para si e Deus por todos”, e como afirma Maturana, ser social é ser individual, mas, sobretudo, um individual que considera em suas ações o outro e a preservação da espécie e da coletividade. Neste sentido consideramos a realidade como uma totalidade complexa e sistêmica, ou seja, uma articulação de muitas partes entre si e pelo inter-retro-relacionamento de todos os elementos

do sistema, sendo o mesmo dinâmico e aberto a novas sínteses. Logo, o sistema social é considerado como uma rede de interações no qual os sujeitos humanos se realizam como seres vivos em constante mutação (Cf. MATURANA, 1999, p. 199). As relações sociais nesta perspectivas são entendidas como um dualismo (realidades justapostas, que fazem parte do sistema, influenciam e são influenciadas) e não como dualidade (dimensões antagônicas) o que considera a necessária convivência com o diferente com vistas a mudança pela integração de esforços, da cooperação da solidariedade e da auto-organização. As pessoas, principalmente em situação de risco social, são sujeitos construtores de sua história a partir das relações de reciprocidade e dos atos operativos de cooperação fundados na emoção, na linguagem e no raciocínio, pois, consideramos que o existir humano esta fundada no emocional que é expresso pelo amor contidos na ética da aceitação, respeito e legitimando o ato de preservar a vida, de se importar com o outro de querer construí um projeto civilizatório justo, humano, solidário e fraterno. Portanto os sujeitos são portadores, tanto de direitos, mas também de deveres, e as ações ou inações são conseqüentes e determinantes quanto ao construir ou não uma sociedade justa, solidária e fraterna, como sinaliza Maturana“ existimos como seres humanos somente em um mundo social que, definido como seres vivos, e no qual conservamos nossa organização e adaptação. Em outras palavras, toda a nossa realidade humana é social, e somos indivíduos, pessoas, somente enquanto somos seres sociais na linguagem” (idem, p.203) ou ainda, “ Uma sociedade, na qual se acaba o amor entre seus membros, se desintegra. Somente a coerção de um tipo ou outro, isto é, o risco de perder a vida, pode obrigar um ser humano, que não é um parasita, à hipocrisia de conduzir-se como membro de um sistema social sem amor. Ser social envolve sempre ir com o outro, e só se vai livremente com quem se ama.” (idem, p.206). Nesta perspectiva, temos que agir em busca de uma transformação social que pode e deve ocorrer a partir da integração de esforços e ações de auto-organização, e da mudança de ações coordenadas dos indivíduos que compõem a sociedade e do desejo legitimo de mudar, ou seja, “A mudança social é uma mudança na configuração de ações coordenadas que define a identidade particular de um sistema social particular. E isso porque a mudança social só acontece quando o comportamento dos sistemas vivos individuais que compõem o sistema social se transforma de maneira a dar origem a uma nova configuração de ações coordenadas que define uma nova identidade para o sistema social (MATURANA, 1999, p. 190). A perspectiva que adotamos e entendemos, não é de uma sociedade do “nós” coletivista (socialista comunista) e nem do “eu” individualista (capitalista, consumista), mas um “NÓS” democrático, fraterno, amoroso, libertário, espiritual e emancipatório, gestado na integração dos seres vivos e dos vários segmentos e organizações da sociedade humana, a partir de ações empreendedoras, inovadoras e transformadoras da realidade humano-social de nosso tempo e momento

histórico, e isso em prol do interesse comum, local e global. Sendo assim, as ações na perspectiva do empreendedorismo social, são pautados por uma filosofia de um humanismo político, e uma visão integral/complexa/holística de homem considerando assim suas dimensões: corporal, social, emocional, cultural, político e espiritual, tendo como principio o empoderamento dos sujeitos, o desenvolvimento integrado e sustentável, a geração de capital social e da emancipação social como meta para quebrar o circulo vicioso da pobreza de dependência e manipulatoria, características das sociedades capitalistas predatórias e excludentes.

Entendemos o Empreendedorismo social, como fator indutor de auto-organização social, e uma amalgama de integração entre organizações e representações dos três setores, bem como, disseminador da inovação em tecnologia social e de mudança de paradigma da gestão social, que passa de uma abordagem burocratizante para uma perspectiva de gerenciamento social (Cf. KLIKSBERG,(2001, p.96), o que se concretiza na busca de uma ação de resultados, mas com base na qualidade humana, participativa, e democrática, principalmente no atendimento as reais necessidades humanas, e na multiplicação de ações em escala. Neste sentido a territórialização, por sua vez, é um conceito extraído originalmente da geografia, mas que na atualidade ganha novos horizontes e abordagens principalmente as que privilegiam o espaço local e ações emancipatórias. Por território, compreendemos o resultado/produto das relações humanas no tempo em movimento no espaço cotidiano vivencial, ou seja, " é uma área demarcada onde um individuo, ou alguns indivíduos ou ainda uma coletividade exercem o seu poder (...) é resultado das possibilidades, é o resultado da ação humana "(MEDIEIRO JUNIOR, 2005, p.4) Neste sentido, territorialização é um processo das ações humanas, que considera as lutas pela vida, pelos meios de produção da vivencia cotidiana das lutas dos grupos e das contradições da vida em sociedade. Logo, e considerando o território como processo dinâmico, é possível visualizar várias dimensões, como exemplo: território distrito (cidade, distrito), ou ainda, território moradia (espaço da vida familiar), território área (bairro e espaços públicos). Tal perspectiva permite analisar estas relações e focalizar o estudo bem como, elaborar ações com maior efetividade. Sendo assim, a noção de territorialização tem sido amplamente utilizada para elaboração e gestão de políticas sociais, como poder ser observado no trabalho de TORRES E MARQUES (2004) e na proposição de criação do SUAS (Sistema Único de Assistência Social) do governo Federal (Cf. www.msd.gov.br). Neste sentido, consideramos a estratégia proposta como sendo um mapa de territorialização pois focamos primeiramente um bairro e aprofundamos o conhecimento do mesmo em parceria com os vários atores deste espaço. E por oportunidades, consideramos as várias possibilidades que podem ser encontradas e geradas neste espaço, seja, de ordem mercadológica, como serviços ou produtos que podem gerar uma rede de consumo e

economia solidária (Cf. MANCE, 2002). Tais considerações e fundamentos, nos permite entender e defender que a presente proposta, sobre “territorialização e mapeamento de oportunidades para empreendimentos socais e rede de economia solidária local”, seja entendido como uma pesquisa de campo e uma metodologia de rastreamento e territorialização, não só de problemas, mas de possibilidades de soluções que podem ser encontradas no próprio espaço vivencial dos cidadãos de um determinado espaço social. Em específico, crendo que esta modalidade de levantamento da realidade possa suscitar, como no empreendedorismo empresarial, possíveis oportunidades de negócios, em nossa proposta, de negócios socais solidários, ou seja, coletivos, participativos e de cooperação e associação. Logo, esta metodologia de geração de conhecimento mescla interesses de análise social para o melhor gerenciamento de políticas públicas de desenvolvimento humano, e de possibilidades de negócios produtivos, na perspectiva do empreendedorismo social e da economia de redes de consumo solidário. Em outras palavras, seria aplicar uma lógica de mercado, na solução de problemas sociais, numa perspectiva de socialização do poder e da democratização das ações e dos resultados, gerando um maior estoque de capital social, e um processo de auto-organização, pois poderá ser aplicado em outros bairros da cidade (território distrito) e afetar assim a cidade como um todo, servido de exemplo para outros municípios e desencadeando um processo de melhoria continua do combate a pobreza, exclusão social e melhorando as condições efetivas do desenvolvimento sustentável regional. Como pode ser observado na figura 01, a metodologia desenvolvida teve como base a perspectiva do empreendedorismo social aplicada a partir da estratégia casulo sócio-tecnológico e foi executado a partir das seguintes ações: Fase 1: Reconhecimento territorial: Contato direto com a comunidade, Espaço básico para atividades, Mapeamento prévio do espaço a ser estudado, mapa cartográfico fornecido pela Prefeitura Municipal e do departamento de geoprocessamento Treinamento da equipe e material de apoio. Primeiros contatos, e visualização territorial, através de contato direto com o local, de automóvel e a pé. Demarcação de negócios ativos e desativados no bairro. Demarcação dos equipamentos sociais e das atividades coletivas (igrejas, clubes, associações, etc.)

Figura 01: Processo metodológico Casulo Sócio- tecnológico

Fase 2: Planejamento territorialização e mapeamento: Planejamento de Pesquisa de campo no bairro, equipe e participantes do curso de capacitação do MESA (Mulheres Empreendedoras Sociais em Ação). Teste piloto do questionário e da estratégia de abordagem por território: distrito (bairro) e Noções da criação de novos empreendimentos. Empreendimentos sociais e solidários. A técnica de territorialização e visualização de oportunidades. Elaboração mapa inteligente de oportunidades de negócios onde os resultados da primeira e segunda fase são visualizados. Fase 3:Elaboração do Plano de Negócio Social e criação de redes de consumo solidário: Articulação com empresários locais parcerias para viabilizar estes empreendimentos. Escolha da modalidade juridica-formal, no caso as mulheres escolheram criar uma cooperativa mista. Estimular a comunidade local a consumir e criar processos de troca e consumo solidário. Fase 4: Avaliação de impacto e implementação das ações e unidades de negócio social, esta fase esta em andamento. Com a construção do mapa inteligente, e os demais dados da coleta de campo, podemos obter várias informações, entre elas: perfil do consumidor local, expectativas quanto a qualidade e tipos de produtos e serviços, quantidade de tipos de empreendimentos já existentes, possíveis nichos a serem explorados. Entre outros. Após ter acesso aos dados, e estudar as alternativas, foram realizadas oficinas experimentais, com vários produtos. Os que melhor sinalizaram com potencialidade de mercado foram bolsas e tapetes com retalhos, além de flanelas de limpeza para oficinas.

2 CONCLUSÃO

Um indicar de maior evidência da eficiência desta estratégia é que na atualidade (abril de 2007) este grupo de mulheres com apoio da universidade estadual e curso de

Serviço Social e da Associação Comercial da cidade, constituíram uma cooperativa, denomida de Cooperativa de Mulheres Empreendedoras Sociais em Ação - COOPERMESA, onde a sua criação tem sido muito além da subsistência econômica, tem se caracteriza como espaço de interação motivação, auto-estima e esperança de uma vida melhor. A percepção e vontade tanto formal como política são visíveis, tanto no dialogo com o setor público, junto a prefeitura para buscar apoio, como no setor comunitário e entre si. Mostrando que a integração e comprometimento das pessoas eleva a qualidade técnica e política do processo, além de vislumbrar uma maior possibilidade de sucesso e consistência na gestão dos negócios e empreendimentos sociais para geração de trabalho, renda e inclusão social. Com o aperfeiçoamento desta experiência a mesma pode ser replicável, e se transformar em política pública, pois já estamos em negociação com a Prefeitura para encaminhar mulheres que estão sendo assistidas pelo programa Bolsa Família para serem qualificadas e inseridas no mesmo processo de autonomia pela via do trabalho, renda e inclusão social. Assim esperamos contribuir para um novo desenho de política pública, mais eficiente, inclusiva e emancipatória.

REFERÊNCIAS

KLIKSBERG, Bernado **Falácias e mitos do desenvolvimento social** São Paulo: Cortez/Unesco, 2001

MANCE, Euclides André **Como organizar redes solidárias**. Rio de Janeiro: DP&A, Fase, 2002

MITIDIERO JÚNIOR, Marco Antonio **Territorialização: conceitos explicativo da luta pela terra ?** Disponível na internet <htt://www.klepsidra.net/klepsidra9/territorializacao.html> acesso em 8 de setembro de 2005

MOSER, Liliane **Gestando uma economia solidária? Empreendimentos de geração de trabalho e renda no oeste Catarinensse** in Anais do 10º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais CEFSS: Rio de Janeiro, 2001

OLIVEIRA, Edson Marques **Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégicas** Franca-SP: Unesp, 2004 (tese doutorado)

TORRES, Haroldo da Gama, MARQUES, Eduardo Políticas sociais e territorialização: uma abordagem metropolitana **Revista São Paulo em Perspectiva** v.8,n.4, out./dez., 2004, p.29-